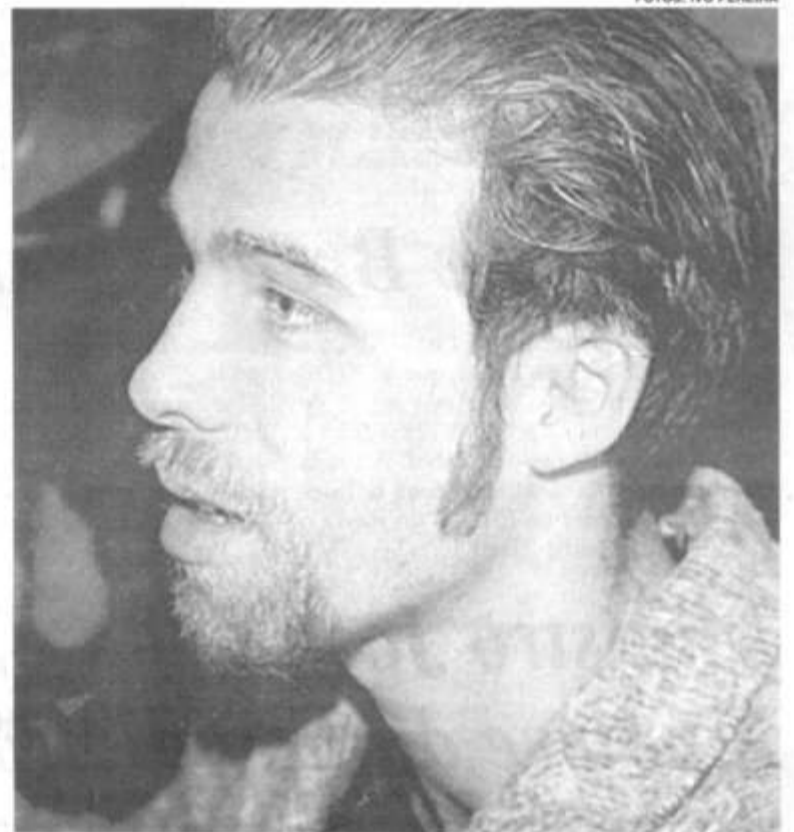


Sob a égide de Nietzsche, Corpos quer um lugar para os jovens criadores

NINGUÉM EXCEPTO TU

«Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar para atravessar o rio da vida – ninguém excepto tu, só tu!», uma profetização de Nietzsche – uma das muitas – escolhida por Ricardo de Pinho Teixeira e Adriana Pereira para enrolar em forma de cigarro, num dos maços de poemas, o «Filosofia Maldita». A fórmula perfeita para definir o que move os dois únicos jovens que, sozinhos, formam a editora Corpos e que parecem decididos a fazer renascer o livro e popularizar a cultura. Nas próximas linhas, ficará registada uma conversa demonstrativa de uma mente repleta de ideais. Do trabalho que apresentam, ressalta a dinâmica de duas pessoas que pretendem «contornar o sistema instituído, em que não há espaço para os jovens artistas». Procurar o seu espaço, fazer a editora crescer e, mais tarde, oferecer emprego a novos criadores, para que as suas ideias não permaneçam na gaveta, são os desígnios mais vincados dos nossos entrevistados.



FOTOS: IVO PEREIRA

O NORTE DESPORTIVO – É estudante de filosofia e parece extremamente influenciado por Nietzsche. Como decidiu tomar esse rumo?

RICARDO DE PINHO TEIXEIRA – «Funciono um pouco impulsivamente. Mesmo quando escrevo um livro, ou um texto, não passo muito tempo a pensar, faço-o num dia, ou em dois. Quanto ao curso, se calhar, também foi um pouco assim, porque senti que a filosofia me poderia abrir muitas portas. Naquela altura, estudávamos no secundário Nietzsche, Kierkegaard e outros e, de facto, Nietzsche foi o que mais me marcou. Foi um autor muitas vezes mal interpretado, reclamado pelo nazismo e pelo movimento hippie, mas considero que era um homem com um pensamento lindo, por acreditar que o homem tem de se transcender a ele próprio. E eu não acredito no destino, mas na vontade, que é inata ao ser humano. Todos nascemos dotados da mesma inteligência – à parte os génios ou os deficientes que não se adaptam a este mundo – e o que é preciso é cultivá-la».

ND – Mas foi a Universidade que lhe deu esse pensar, ou foi mais uma vontade própria de partir à descoberta?

RPT – «O curso em si não vale nada, mas a convivência com as pessoas dá-nos muitos ensinamentos. Porque se existem alguns, naquela área, demasiado lunáticos, também há os que meditam sobre as coisas, se interes-

sam, e o que faz falta é mesmo abertura de espírito para aceitar novas ideias e levá-las ao público».

ND – É devido a esse optimismo e ao acreditar na vontade humana que arrisca numa editora composta por apenas duas pessoas?

RPT – «Sim, porque se não fosse essa vontade, nada se poderia fazer e a estagnação é terrível. É óbvio que é necessário um grande sacrifício, mas acreditamos nas nossas capacidades».

ND – Até onde pretende ir com este projecto?

RPT – «A nossa ideia é contornar o *mainstream* e os lobbies instaurados. Decidimos investir numa ideia, à nossa custa, porque não há onde recorrer. Por exemplo, o Porto não quis o TEP e Gaia acolheu-o. Tudo bem. Mas não está aberto às sugestões dos habitantes da cidade. Vivo lá há 24 anos, escrevi uma peça de teatro, mas já há um ano e meio que tentámos falar com o vereador da cultura e ele não nos atende. Se as instituições são dos contribuintes e eles não são apoiados para usufruir delas, isto é um fascismo. Essas pessoas não têm a vista larga necessária e acabam por travar os jovens. Se ocupasse um cargo desses, não iria apoiar apenas os meus gostos ou só ajudar os meus amigos. Por exemplo, não gosto de folclore, mas respeito quem gosta. Por isso, acho que é preciso abrir

portas a novas formas de cultura, porque esta não tem de ser aborrecida»

Trabalhadores criativos e livres

ND – E a Corpos pretende ser um motor?

ADRIANA PEREIRA – «Procuramos o nosso lugar. Não queremos monopolizar nada. Queremos é, mais tarde, quando conseguirmos fazer a Corpos crescer, ter pessoas a trabalhar connosco, mas que não sejam mecanizadas, ou seja, que tenham as suas próprias ideias. Se as pessoas se prendem a algo estabelecido, acabam por perder-se, com certeza, muitas coisas interessantes».

ND – Além da Câmara de Gaia, tentou outro tipo de apoio?

AD – «Sentimos muita dificuldade. Se é às Câmaras a que devemos recorrer para iniciar algo e não conseguimos, como chegamos ao Ministério da Cultura? A ideia teve imensa aceitação, vendemos cinco mil exemplares, o que para nós é ótimo. Temos de agradecer às pessoas que compraram porque as próprias livrarias, quando surge um jovem escritor, não apostam. O livro fica sempre à consignação e, quando o procuramos, está no armazém, nem sequer é exposto».

ND – E os fundos da União Europeia? É complicado aceder a eles devido à necessidade de um projecto...

RPT – «São para quem já tem dinheiro! Se quisermos recorrer a um fundo europeu, temos de apresentar um plano, em que se gasta imenso, ou seja, quem não tem conhecimentos, nem posses, não pode usufruir disso. Não queremos ser já uma grande editora, mas sim contornar o sistema instituído, em que não há espaço para os jovens artistas e criar mecanismos próprios. Há imensas pessoas com talento que ficam pelo caminho por que só há impedimentos e esta nossa luta pode acabar por lhes dizer: "Tu também podes"».

Popularizar a cultura

ND – A **Corpos** vendeu muitos exemplares de maços de tabaco especialmente na época natalícia. Significa que as pessoas consideraram que era uma oferta interessante, por exemplo, para um fumador? É uma forma de marketing?

RPT – «A arte tem de ser popularizada, não querendo dizer obrigatoriamente *burra*. A ideia dos maços de poesia foi pegar num objecto consumista – 60 por cento da população portuguesa fuma – e fazer o livro chegar às pessoas. A intenção não é dar um prendinho, um objecto engraçado, mas um livro. As pessoas abrem, desenrolam o poema e podem ler e reler. Mas parece que as entidades competentes, que deviam apoiar, não vêm que poderia ser extremamente lucrativo e, inclusive, abrir postos de trabalho. Tínhamos dois caminhos: montávamos um escritório ou continuávamos a desenvolver ideias. É mesmo por uma enorme força de vontade e optimismo relativamente ao futuro que fazemos isto».

ND – Entretanto, continuam com o processo pendente em tribunal devido ao alegado plágio da Editora Ausência.

RPT – «Trabalhei na Editora Ausência, tive a ideia dos maços de poesia e, naturalmente, além dos registos na Sociedade Portuguesa de Autores [para utilização dos direitos relativos aos escritores utilizados], tenho a patente internacional. Assinei um contrato e fui despedido no dia seguinte, porque a pessoa em causa achava que eu tinha agido de má fé. O caso está em tribunal e tenho a certeza de que o vamos ganhar, porque temos todas as provas. Claro que o problema é que, entretanto, eles vendem uma ideia plagiada, fazem


dinheiro com isso. De qualquer forma, já apresentámos novas ideias, como os tubos de ensaio, que significa a decadência, com os sete pecados mortais, o tabaco de enrolar, com uma peça original minha, e teremos ainda o Lado B, o livro em forma de rolo de papel higiénico. Não queremos entrar em concorrência com as editoras, naturalmente, mas sim, aos poucos, introduzir a leitura. Fazemos os maços à mão, escolhemos os poemas que consideramos excelentes e acompanhamos todo o processo desde a gráfica até às livrarias. É um querer muito grande, uma força de vontade que nos move e até é um orgulho pegarem na ideia, mas plagiá-la é que não. E não é uma questão de dinheiro, porque se me dissessem se eu pretendia receber agora quatro mil contos ou se preferia que enviassem uma carta a todas as sítios onde colocaram à venda os maços a pedir desculpa ao Ricardo e à Adriana, eu preferia a última hipótese. Isto porque sei que a pessoa que está por trás disso não se interessa pela arte, mas apenas pelo dinheiro».

ND – Nos maços está escrito «O Livro está morto!». Esta é a vossa forma de o fazer renascer?

RPT – «Não acredito no livro digital, mas considero que o livro tradicional tem de sofrer uma evolução. Nós demos-lhe um suporte estético diferente. As pessoas consideram a ideia engraçada e lêem. Se calhar, não pegam num livro de poesia, mas nos maços sim. Se o Governo investe, por exemplo, em festas escolares, em que dá cerca de 700 escudos por aluno, por que não aproveitar a nossa ideia e tentar incutir nos miúdos a vontade de pensar, através de autores que eles terão de aprender na escola?».

ND – O mundo cibernaútico pode roubar espaço à leitura?

RPT – «A internet é algo de fantástico, porque aponta para um futuro em que as grandes marcas começarão a ser desvalorizadas. Poderei ter o meu nome na internet e fazê-lo chegar tão longe como a Coca-Cola. É um novo mundo que pode trazer imensos benefícios. E até acredito que o facto de tudo ficar mais facilitado pelo acesso rápido às necessidades básicas dá mais tempo livre às pessoas».

Filipa Júlio 



Apesar de ser portista, Ricardo quer um Boavista campeão

ACABAR COM A INÉRCIA

O NORTE DESPORTIVO – Foi jogador de futebol enquanto jovem...

RPT – «Joguei futebol durante sete anos, no Coimbrões e no Vilanovense, e, por pouco, não me transferei para o Futebol Clube do Porto, não querendo com isso dizer que pudesse ter sido um *craque* das Antas. Mas o mais importante é que vivi momentos lindos, aprendi a respeitar as pessoas e a ver a competição de uma outra forma. Por outro lado, se não fosse o futebol, provavelmente não teria chegado a quem sou... Teria sido um menino de rua».

ND – Porquê?

RPT – «Fui criado num meio pobre, pela minha avó, e, embora ela tenha feito tudo o que podia por mim, penso que o futebol fez com que me desviasse de todas as situações que envolvem um meio degradante, como a droga e a delinquência. Podia não acontecer, mas, no meio em que vivia, era muito provável».

ND – Disse que aprendeu a respeitar e a ver a competição de forma diferente. Como se aprende isso no futebol?

RPT – «No respeito, porque todos os miúdos eram tratados da mesma forma, ricos ou pobres. No balneário, todos eram iguais, principalmente no Coimbrões, em que os dirigentes não faziam distinções. Quanto à competição, eu era ponta-de-lança, marcava cerca de 40 golos por época e, na altura, pensava que queria marcar muitos mais e ser o melhor. Mas, em determinado momento, considerei que seria mais importante fazer golos bonitos e isso dava-me um enorme prazer».

ND – Qual o seu clube de preferência?

RPT – «Sou portista, mas já há uns anos que não vou ao estádio ver jogos. Assisto a todos os encontros da Selecção Nacional e das competições europeias, mas não do Campeonato, porque já nem o Futebol Clube do Porto-Benfica tem interesse. As equipas são ultra-defensivas e é só pontapé para o ar. Com 10 anos, e como futebolista, tinha livre-tránsito e divertia-me muito porque ia ver todos os jogos. Mas penso que, mesmo durante os cinco anos em que se sagrou campeão, o Futebol Clube do Porto acabou por perder um pouco a mística, muito devido à falta de oposição, porque o Sporting e o Benfica eram quase inexistentes».

ND – É, então, pela Selecção que vibra mais?

RPT – «A Selecção é a única coisa que me faz sentir português. Se tivesse muito dinheiro, já teria mudado de país, pois só dou valor à bandeira nacional quando vestida pelos nossos jogadores. É um orgulho e é aí que me identifico com a Nação. Salazar sabia que, para manter o Estado Novo, tinha de agarrar o fado e o futebol. Por isso, todo aquele apoio ao Benfica. Acho fantástico, por exemplo, o que estão a fazer com o Figo, a dar-lhe todo o valor, apesar de considerar que o Rui Costa é um excelente jogador que terá ficado um pouco apagado. Mas o Figo é um ídolo e o ser humano precisa disso, as crianças necessitam de alguém com quem se identificar, numa sociedade em que só há divórcios».

ND – Os ídolos desportivos também são importantes?

RPT – «O desporto em si une os povos e serve para universalizar a cultura. É melhor, na minha opinião, um miúdo ter como ídolo o Figo do que o Marilyn Manson, por exemplo, porque ele quer combater a violência com violência. Quando falo em desporto, falo também em cultura, porque se eu próprio puder ser uma espécie de ídolo, ótimo. Era bom que a **Corpos** conseguisse fazer algo e a próxima geração pensasse: *Ele conseguiu, eu também posso!*».

«Benfica tem tudo para ser a maior empresa»

ND – O que pensa da liderança do Boavista?

RPT – «Seria ótimo que o Boavista fosse campeão, para ver se acabava com a inércia e fazer o Futebol Clube do Porto, o Benfica e o Sporting terem vergonha. Aliás, quando o Boavista marcou o golo ao Sporting, saltei de alegria. Seria melhor se fosse mais por mérito próprio do que por demérito dos outros eternos candidatos. De qualquer forma, seria ótimo só pelo facto de dar umas bofetadas a alguns *queixosos*, porque não sei o que o Boavista vai conseguir fazer na Liga dos Campeões... A maior vergonha nos últimos tempos tem sido o Benfica. Leva 7-0 em Vigo, é eliminado por uma equipa polaca...».

ND – Como explica o que se está a passar com o Benfica?

RPT – «O futebol, como a arte, não progride devido aos lobbies. Em Portugal, os clubes deviam reunir esforços, em vez de tentarem resolver os problemas cada um por si. Mas o Estado devia pagar a formação dos jogadores. Existe melhor medida para combater a droga? Os dirigentes, aí, acompanham os miúdos e encaminham-nos para um rumo. Devia haver investimento estatal, em vez de se dar essa função a entidades privadas, para fazer grandes estruturas, o que, em termos de rentabilidade, de bilhetes, por exemplo, iria dar ao mesmo. Poderiam trazer grandes vedetas e, se viesse para cá o Roberto Carlos, seria uma fonte de inspiração para os miúdos. Depois, há o caso mais ridículo que é o do Benfica! Tem seis milhões potenciais consumidores, ou seja, tudo para ser a maior empresa do País. Como é possível este potencial andar quase a fazer peditórios de rua?».

ND – Lisboa devia ter um estádio municipal que fosse utilizado por Benfica e Sporting?

RPT – «Não faz sentido haver dois estádios separados por uma auto-estrada. As pessoas aprenderiam a aturar-se e seria muito mais rentável. O Futebol Clube do Porto e o Boavista poderiam fazer a mesma coisa e os milhões que sobrassem seriam utilizados para a construção de mais campos para miúdos. É um desperdício enorme. Vivemos num País em que queremos tudo à grande, quando somos pequenos».

FJ 